
A Próxima Estação pede Novos Corpos: relações da semiótica e teoria *queer* no universo da moda*

Muriel Emídio Pessoa do Amaral**

O corpo se tornou uma espécie de entidade na qual estão escritas as manifestações culturais, um texto no ponto de vista simbólico das manifestações ocorridas quando situadas no tempo e no espaço. Por ser uma estrutura constituída não apenas pela condição biológica, mas também, sofrer contingências culturais para a própria representação, o corpo se estrutura em conceitos mutáveis. Os signos que o compõe (concepções estéticas, próteses, intervenções cirúrgicas dentre outros) não são absolutos devido às condições culturais a que é submetido. Nessa condição o corpo passa por significações, mas nunca deixando de ser corpo e sempre com o objetivo de estabelecer algum tipo de comunicação.

* Trabalho apresentado no I Seminário Internacional Gênero, Sexualidade e Mídia: olhares plurais para o cotidiano, realizado entre os dias 06 e 07 outubro de 2011, em Bauru (SP).

** Aluno regular do programa de Mestrado em Comunicação Midiática da Universidade Estadual Paulista (Unesp), orientado pelo Prof. Dr. Adenil Alfeu Domingos.

O corpo (...) é um agente da cultura. (...) ele é uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta. (...) uma imagem mental da morfologia corporal tem fornecido um esquema para o diagnóstico e/ou visão da vida social e política (BORDO, 1997, p.19).

Como o corpo é uma entidade constituída culturalmente, esse pensamento será o leme do desenvolvimento da apresentação dos objetos desse artigo: os corpos dos modelos Andrej Pejic, homem de origem sérvia, e Lea T., modelo transsexual brasileira. Com o corpo desses modelos, as formas de representação se encontram muito diluídas, ressignificando conceitos no mundo da moda.

O sujeito, por intermédio do corpo como suporte e meio de expressão, revela uma necessidade latente em querer significar, de reconstruir-se por meio de artifícios inéditos, geradores de significações novas e desencadeadoras de estados de conjunção ou de disjunção com os valores pertencentes à cultura. (CASTILHO; MARTINS, 2005, p. 93).

A necessidade de comunicação pelo corpo é desenvolvida pelo homem ainda nos primórdios da própria existência como um ser participante das condições culturais e biológicas. A comunicação foi uma condição aperfeiçoada pelo homem para que assim pudesse manter os laços entre os seus semelhantes mais intensos. Compartilhando dos mesmos signos na comunicação, as partes envolvidas estabelecem métodos de entendimento mútuo, estreitando ainda mais os laços de interpessoais de convivência. Essa ação do homem tem como objetivo a manutenção da própria espécie. Perpetuando a própria espécie, por intermédio da comunicação, o homem eterniza a cultura da época em que se encontra.

Para contemplar esse movimento de comunicação, o corpo foi considerado a primeira forma de mídia percebida pelo ser humano. Baitello Junior (2005) considerou o corpo, em sua capacidade orgânica, como uma mídia primária. Essa denominação se deu devido a necessidade elementar de estabelecer a comunicação entre os entes da mesma espécie. Para isso, o homem utilizava gritos, grunhidos, gestos e outras manifestações gestuais e vocais para que pudesse concretizar a comunicação. Com o crescimento populacional e a necessidade de organização social, essas manifestações não eram suficientes para que a comunicação se tornasse eficiente e abrangente. O homem passa a utilizar a linguagem mais elaborada para que a comunicação possa ser estabelecida: é a chamada mídia secundária. Pelo uso da linguagem e da escrita o homem dá os primeiros passos para evolução da sua capacidade cognitiva, deixando as marcas culturais nos espaços ocupados. A escala

evolutiva desse processo comunicativo atinge a terceira etapa quando o homem utiliza não apenas da escrita e da linguagem para os processos de comunicação, mas faz uso da tecnologia e outros métodos para a promoção da comunicação. Esse estágio do corpo como mídia, conhecido como mídia terciária, o corpo não se restringe exclusivamente à sua condição biológica para a própria manutenção da espécie e da cultura, mas apela para as dimensões extracorpóreas para fortalecer a comunicação. Nesse cenário, o homem passa a conviver com outros homens por intermédio da tecnologia e outras formas de extensões do corpo para se comunicar. Os meios de comunicação ganham um espaço significativo para manter a comunicação entre os seres humanos para configuração da terceira forma de mídia corpórea. Essa condição faz da relação entre tempo e espaço uma condição não tão fechada como antes. O tempo e o espaço, com a interferência da tecnologia são ressignificados e apresentam sentidos paliativos na condição contemporânea. “Pensar o corpo é deparar-se com uma obra em aberto, para sempre inconclusa, como são as bases culturais que o constituem, nomeiam e transformam, através dos tempos e da história” (VELLOSO, ROUCHOU, OLIVEIRA, p.15, 2009).

O corpo, além de ser considerado a primeira forma de mídia empreendida pelo homem, é também o reflexo e produto de discursos apresentados por fontes detentoras de poder. É o que apresenta Foucault (1988) ao discorrer sobre a relação existente entre os discursos e as formas de representação do corpo. Para ele, o corpo se molda de acordo com o discurso apresentado pelas estruturas de poder: as feições, comportamentos e atitudes são desenvolvidos de acordo com as regras apresentadas por esse discurso modalizador. De acordo com Foucault, esse poder não se estabelece de uma forma unilateral e oriundo exclusivamente de uma pessoa ou um grupo, o poder pode ser advindo de outras estruturas que não necessariamente são providas de poder. Como as interferências para a constituição de representação do corpo não se estabelece de forma absoluta, o corpo sempre será uma estrutura inacabada. Dessa forma, o corpo se apresenta como uma estrutura em constante reformulação de significado. Essa formulação foucaultiana será importante para pensarmos na reconfiguração do corpo no mundo da moda, pois as estéticas e formas únicas de representação começam a se misturar a outras formas de representação que não perpassam exclusivamente as condições biológicas do corpo, mas também as condições sociais.

Sob a perspectiva da Semiótica, ciência que estuda a representação e significação dos signos, essa dinâmica do corpo é explicada devido à necessidade que o próprio signo possui de ressignificação. De acordo com Peirce, o signo, que

é a representação mais evidente de um objeto, não se apresenta de forma absoluta para a representação de seus significados (cf. Coelho Neto, 2010). Dentro da relação proposta pela Semiótica da relação entre o objeto e o seu significado, o signo pode se comportar sendo ícone (representação mais próxima da materialidade do objeto, em sua forma mais concreta), índice (uma forma de representação que estabelece uma relação de causa e efeito entre o objeto e a sua representação) ou como símbolo (instância em que o signo se apresenta como resultado arbitrário pela interferência cultural).

As relações culturais são muito importantes para a representação do corpo, especialmente na contemporaneidade em que os conceitos se tornam mais flexíveis para manifestar as várias vertentes de representação corpórea. Na atualidade, a sociedade passa por esse fenômeno da diversidade cultural. A chamada pós-modernidade, em que os conceitos não se encontram com referenciais absolutos, sendo mesclado e compartilhando de outras referências, esses se encontram em constantes reformulações. As identidades, a cultura e suas representações se tornaram entidades cambiantes na pós-modernidade. Esse período é a verdadeira reformulação da identidade humana, pois enfraquece a concepção do homem como um sujeito iluminista (Harvey, 2001), totalmente centrado, dotado de capacidades de razão e absolutamente unificado. As relações entre os posicionamentos subjetivos do indivíduo e sociais fazem da identidade do sujeito contemporâneo uma “celebração móvel” (Hall, 2006).

(...) formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2006, p. 13).

Essa condição de recolocação da identidade, é que Deleuze e Guattari (1995) definem como “desterritorialização”. Para esclarecer o princípio desse conceito, os autores utilizaram a aplicabilidade das funções do rizoma (parte mais profunda da raiz de uma planta), para evidenciar as questões culturais não se encontram mais de formas imutáveis ou profundamente enraizadas. As relações culturais foram reconfiguradas de acordo com as mudanças sociais, por interferência também da tecnologia e da fluidez cultural, rerepresentando uma nova forma de posicionamento da cultura no tempo e no espaço, ou seja, desalojando a representação cultural de um espaço e/ou representação única, oferecendo condições e signos para o surgimento de novas propostas culturais, como o surgimento das culturas híbridas e devido à globalização.

Para fortalecer ainda mais essa visão relacional dos conceitos, na análise da Semiótica, esse movimento é interpretado como semiose, ou seja, a relação de um signo com o outro para a constituição de um novo signo. Mesmo havendo a relação de comunhão de conceitos, o signo originado recentemente traz signos de ambos (ou de todos) os signos que o originou. Com esse movimento de envolvimento entre os signos, o signo originado ressignifica os conceitos existentes, oferecendo nova condição de representação.

Pela semiose, o novo objeto, embora traga em si marcas do seu objeto gerador, jamais será idêntico a ele e a diversificação natural que o tornou inevitável. O novo signo, ao se distanciar paulatinamente do seu signo-objeto gerador, cria diversidades que praticamente apagam o contacto com o objeto que lhe deu origem. As semelhanças de superfície geram, então, as espécies de sistemas de representação, como, por exemplo, verbal e não-verbal, enquanto no nível profundo atua sob todos esses sistemas na tríade: objeto gerador relacionado a um signo-objeto gerado de modo mediato. Gerar signos novos como representantes, portanto, é uma lei básica da natureza e não se limita a um ato humano da linguagem. (...) o novo sempre será um representante de seus antecessores (DOMINGOS, 2007, p.152).

Com esse arcabouço teórico, serão apresentadas as novas formas de representação do corpo no universo da moda. O corpo se torna uma ferramenta recorrente para essa área de atuação. A moda sempre se utilizou das representações do corpo para se pautar; seja para a produção de material de consumo, seja por utilizar o corpo como manifestação do desejo.

Os modelos utilizados em campanhas de moda são representados em várias condições quanto à identidade de gênero. Por estar intimamente ligada à produção cultural e artística, a moda faz uso da representação diluída dos gêneros para mostrar os corpos dos modelos. Mesmo havendo essa flexibilidade de definição, os corpos sempre traziam signos que ainda remetiam à sexualidade do modelo. Mesmo trajando peças consideradas masculinas, modelos femininas traziam no corpo marcas que evidenciavam a condição de mulheres biológicas: proeminência dos seios, silhueta curvilínea, traços delicados no rosto dentre outros sinais. O mesmo acontecia com a representação do corpo masculino: o modelo masculino trazia no corpo signos da masculinidade. O rosto poderia ser considerado andrógono, mas o restante do corpo ainda denunciava a condição biológica e de gênero dos modelos.

Ainda que de uma forma discreta, essa ressignificação dos corpos na moda passou a corroborar ainda mais as definições de gênero e identidade. O objeto desse artigo é a análise dos modelos Andrej Pejic e Léa T. O que eles têm em comum, além da carreira de modelos internacionais? A utilização do corpo com um símbolo ressignificado no espaço da moda e a proposta do corpo *queer* no universo da moda.

No final dos anos de 1980, nos Estados Unidos, surgiram os primeiros estudos sobre a Teoria *Queer*. Essa teoria nasceu dentro das ciências filosóficas e da crítica literária, avançando por outras esferas do conhecimento, chegando aos estudos das ciências sociais, permeando outras áreas das ciências humanas.

[...] os estudos *queer* surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação (MISKOLCI, 2009. p. 152).

O termo *queer* significa em português estranho, esquisito, anormal. Mesmo que fosse dotado de caráter pejorativo, a palavra foi utilizada para a teorização sobre os estudos que se referem à diversidade sexual: gays, lésbicas, transexuais e travestis. Assim, o pensamento da Teoria *Queer* não se referia a identidades marmorizadas, dentro de referências de poder, mas sim como uma estrutura flutuante de identificação e representação.

A escolha do termo *queer* para se autodenominar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, servia para destacar o compromisso em desenvolver uma análise da normalização que, naquele momento, era focada na sexualidade. Foi em uma conferência na Califórnia, em fevereiro de 1990, que Teresa de Lauretis empregou a denominação *Queer Theory* (idem, ibidem).

A teoria *queer*, segundo Miskolci, não teve a intenção de neutralizar a importância das identidades de indivíduos LGBTTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros), mas de apontar falhas quanto a identidades dos sujeitos e ainda reconfigurar a hegemonia de cunho heterossexual e outras formas de poder e convenções sociais. Com essa proposta, os estudos das diversidades sexuais e identidades saem dos conjuntos binários (homem x mulher, heterossexual x homossexual, homossexual x bissexual, e outras configurações) para ganhar conceitos mais flexíveis para denominação: foi a desconstrução das identidades.

Desconstruir é explicitar o jogo entre presença e ausência, e a complementaridade é o efeito da interpretação porque oposições binárias como a de hetero/homossexualidade, são reatualizadas e reforçadas em todo ato de significação, de forma que estamos sempre dentro de uma lógica binária que, toda vez que tentamos quebrar, terminamos por reinscrever em suas próprias bases (GUATTARI apud MISKOLCI, idem, p.154).

Lea T. é brasileira, transexual (mesmo não fazendo a cirurgia para mudança de sexo, assim ela prefere ser denominada), filha do ex-jogador da seleção brasileira Toninho Cerezo, nasceu com o nome de Leandro. Ela conheceu a fama depois de

ter sido convidada para participar da campanha da grife francesa Givenchy para a coleção de inverno 2010-2011. A modelo reconfigurou de alguma forma a profissão de modelo e também das formas de lidar com a representação do corpo. Até, então, o espaço conquistado por ela não oferecia condições para que uma transexual ocupasse devido à contingência exclusiva da presença de mulheres biológicas nesse posto. Desde então, Lea T. segue a carreira de modelo na Europa e Estados Unidos. Em 2010 e 2011, ela retornou ao Brasil na condição de modelo para desfilas para grife Alexandre Herchcovitch.

Já o modelo Andrej Pejic é de origem sérvia e tem apenas 19 anos. Biologicamente homem, Andrej faz muitas campanhas para roupas femininas, sendo considerado pelo site Models¹, como “uma das melhores modelos da atualidade”. Rosto e corpo andrógenos, o modelo destrói as fronteiras que divide a identificação e representação do corpo feminino e masculino no universo da moda. Alto, pele alva, cabelos loiros e traços efeminados fazem dele uma representação atípica masculina para ser apresentada em um desfile.

De alguma forma, ele reinventou as formas de representação entre o corpo masculino e feminino, elaborando outras fronteiras e signos mais flexíveis para a significação do gênero no universo da moda. Pejic pode ser considerado um símbolo dessa nova forma de lidar com a sexualidade, um ser híbrido que é reflexo da inter-relação dos signos e códigos pré-existentes para uma nova representação por outro signo. No Brasil, ele participou dos dois maiores eventos de moda: São Paulo Fashion Week e o Fashion Rio. Nos desfiles em São Paulo, Andrej desfilou apenas para grifes que produzem roupas femininas e no Rio de Janeiro ele desfilou em dois momentos para a mesma marca, a primeira com trajes femininos e pela segunda vez vestindo roupas masculinas.

A participação desses modelos nas passarelas não atende apenas a condição capitalista de consumo dos produtos que a moda oferece ao mercado. Seria uma leitura unilateral levar em consideração apenas essa hipótese para considerar a ocorrência dessas duas formas de representação do corpo na moda. A participação dessas formas de representação do corpo no universo da moda contempla também a necessidade de reformulação e percepção da existência de outras categorias identitárias que não tangem exclusivamente às concepções biológicas da identidade do indivíduo. Possivelmente, nenhum deles se tornou militante na causa pelos direitos e cidadania de indivíduos LGBT no Brasil, Andrej não é brasileiro e Lea T. começou e consolidou a carreira no exterior. Mas, de alguma forma, os movimentos sociais de reconhecimento dos direitos pela diversidade sexual originou novas

1 www.models.com.

formas de discurso que abriram novos canais de representação do corpo ao que se refere o universo da moda.

A seguir há dois exemplos em que os modelos foram retratados em capas de revistas que aborda assuntos pertinentes à moda: Andrej Pejic pela Citizen K, publicação francesa, e Lea T, pela Mag!, revista brasileira de variedades. Quando analisada a imagem da capa da revista francesa, pela metodologia de Análises de Imagens Paradas (Penn, 2002), cujos signos são analisados sob a perspectiva da Semiótica, pode-se perceber que os limites entre as representações das identidades masculinas e femininas estão quase nulas. A fisionomia da mulher que acompanha Andrej é muito semelhante à dele: a tonalidade da pele, a cor dos cabelos, o porte do corpo, fazendo a ressalva que a mulher se apresenta com os seios à mostra na imagem da capa. E ainda o véu que cobre ambos faz analogia a uma união simbiótica. Cobrindo e unindo os corpos dos modelos, dando a alusão que os corpos deixam de ser dois e passam a ser apenas um após a união.



Pela capa da revista Mag!, Lea T. não apresenta nenhum signo que evidencia sinais de masculinidade, tampouco as representações bizarras e grotescas que são intensamente retratadas e estereotipadas pela mídia de transexuais e travestis. Muito ao contrário, a modelo é representada com muita feminilidade: o casaco de pele, objeto de forte apelo de consumo feminino, o vestido plissado e os longos cabelos castanhos. Além da maquiagem em tons suaves, os lábios entreabertos e a silhueta do corpo, o que demonstram finais de feminilidade à forma de representação. O fundo vermelho da imagem em contraste às roupas claras que Lea T. veste, destaca ainda mais os sinais femininos bem como a delicadeza e suavidade do corpo da modelo.

Na perspectiva da moda, esse foi um dos primeiros passos para contemplar a estética de representação do corpo *queer*, em que os objetos de não se apresentam em

moldes de significação absolutos. Essa nova representação do corpo na moda pode ser um avanço de uma abordagem do corpo não muito absoluta de conceitualização dentro do espaço da moda.

Os discursos nos espaços midiáticos não apresentam muitas diversificações para as formas de representação. Essa modalidade de discurso midiático, com mais ênfase no discurso jornalístico, trabalha com a escassez de signos e, conseqüentemente, a dificuldade de oferecer novas propostas de discursos não tão fechados como são as manifestações do discurso jornalístico (Baccega, 2008). O discurso jornalístico repele outras formas de representação às formas já estereotipadas, o modo diferente de representação causa estranheza e desconforto ao receptor da mensagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto que o corpo é algo inacabado devido à interferência cultural a que é submetido, a representação do corpo no mundo da moda também passa por ressignificações. Nesse contexto, as identidades binárias homem x mulher se tornam mais flexíveis, não ponderando apenas o corpo andrógono, mas contemplando também as representações *queers* e identidades que abarcam a diversidade sexual (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros – LGBTQ+).

Os modelos borram as divisões entre as representações do corpo no universo da moda. A representação desses corpos no contexto da moda é o produto de manifestações de reconhecimento das identidades sexuais, contemplando as diversidades de representação dessas identidades e também do corpo.

O ser humano é impulsionado, desde que toma consciência de seu ser, a retocar por meio de inserções ou modificações culturais. Estimuladas pela cultura e apresentando-se em função de processos contextuais, interativos, tais ações “modificadoras” são responsáveis por gerar diferentes conformações no próprio corpo. Entre elas, as mais freqüentes são: pintura, mutilações, tatuagens, escarnificações, maquiagens cosméticas, cirurgias estéticas etc. Ao incidirem diretamente sobre o corpo, elas acabam por ressemantizá-lo, ou seja, dotá-lo de novos significados, a partir da reconstrução de suas formas (CASTILHO; MARTINS, 2005, p. 93).

A capacidade plástica de representação do corpo faz do mesmo uma estrutura em constante ressignificação, como é o caso da representação do corpo no mundo da moda em que Lea T. e Andrej Pejic se tornaram protagonistas. De alguma forma eles ultrapassaram as barreiras de definições da identidade, reformulando

o corpo na moda para além das identidades fixadas; interpretando o corpo como forma de poder e mobilidade dos conceitos do sistema cultural, não tangendo as representações bizarras comumente quando são abordadas as várias manifestações da diversidade sexual.

À vista da semiótica, a Teoria *queer* pode ser interpretada como a reconfiguração do objeto frente ao signo para a produção de sentido, originando assim mais um conceito simbólico, embasado em símbolos já existentes, entretanto, reconfigurados pela capacidade de percepção e significação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e Linguagem**. São Paulo: Moderna, 1998.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A Era da Iconofagia: ensaios de comunicação e cultura** – São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M., BORDO, Susan R. (orgs.) **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Trad: Britta Lemos de Freitas.- Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1997.

CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo M. **Discurso da Moda: semiótica, design e corpo**, 2ªed. rev. e atual. – São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**.-São Paulo: Perspectiva, 2010.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DOMINGOS, Adenil Alfeu. **Entre os signos da linguística e da semiótica**. Revista de Comunicação Midiática: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação/ Universidade Estadual Paulista – Número 7 –Bauru, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 17^a edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. – Trad: Tomaz Tadeu da Silva, Guarica Lopes Louro. – 11^aed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **A Condição Pós-moderna**. - São Paulo: Edições Loyola, 2001

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologias: o desafio de uma analítica da normalização** – Revista Sociologias, ano 11, nº 21. Porto Alegre, 2009.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VELLOSO, Monica Pimenta, ROUCHOU Joëlle, OLIVEIRA, Cláudia de. Corpo: uma obra inconclusa. In: _____ **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**.- Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.